

ALIENAÇÃO E Esvaziamento do Trabalho: CAMINHOS DO ADOECIMENTO

ALIENATION AND EMPTYING OF LABOR: PATHWAYS TO ILLNESS

José Zanelli Neto¹

João Paulo Martins²

¹Aluno do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
josezanellibeto@gmail.com

²Orientador e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psi@gmail.com

Resumo

O trabalho é um elemento central na vida social, associado à subsistência, ao pertencimento e à realização dos indivíduos, constituindo uma categoria inseparável da existência humana. Porém, no Brasil, os afastamentos laborais por transtornos mentais e comportamentais alcançaram 288.041 registros em 2023. Ocorre que, no contexto das formas contemporâneas de organização capitalista, o trabalho se revela como estranho ao trabalhador, que sente como se não tivesse qualquer relação com o seu trabalho ou consigo mesmo, efeito do processo que Marx chamou de alienação. Diante desse cenário, o objetivo deste estudo é analisar as dinâmicas atuais do trabalho e sua relação com o adoecimento dos trabalhadores, tomando a alienação como eixo interpretativo central. Para isso, adotou-se uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e exploratória, visando identificar e sintetizar produções do banco de dados SciELO sobre a relação entre trabalho e adoecimento, com ênfase nos agravos psíquicos e nos processos de alienação. De modo geral, a análise evidenciou que o trabalho emerge como elemento estruturante do adoecimento, marcado pela intensificação de ritmos, metas e cobranças; pela precarização dos vínculos, dos recursos e das condições laborais; e por remunerações insuficientes diante do custo humano do trabalho em diferentes ocupações e setores, resultando em desfechos que variam do adoecimento mental ao físico. Entretanto, à luz da concepção marxiana, não é o trabalho em si que adoecce, mas a forma que assume sob o capitalismo: alienado, externo, obrigatório, que fortalece o poder econômico na medida em que esvazia a potência humana.

Palavras-Chave: Trabalho; Adoecimento; Sofrimento psíquico; Alienação; Esvaziamento do trabalho.

Abstract

Work is a central element of social life, associated with subsistence, belonging, and individual fulfillment, constituting a category inseparable from human existence. However, in Brazil, sick leaves from work due to mental and behavioral disorders reached 288,041 records in 2023. In the context of contemporary forms of capitalist organization, work presents itself as something foreign to the worker, who feels as if they have no relationship with their work or with themselves, an effect of the process that Marx called alienation. In view of this scenario, the aim of this study is to analyze current labor dynamics and their relationship with workers' illness, taking alienation as the central interpretative axis. To this end, an integrative literature review with a qualitative and exploratory approach was conducted, seeking to identify and synthesize publications from the SciELO database on the relationship between work and illness, with an emphasis on psychological distress and processes of alienation. Overall, the analysis showed that work emerges as a structuring element of illness, marked by the intensification of pace, targets, and demands; by the precarization of employment relationships, resources, and working conditions; and by insufficient remuneration in the face of the human cost of work in different occupations and sectors, resulting in outcomes that range from mental to physical illness. However, in light of the Marxian conception, it is not work in itself that makes people ill, but the form it assumes under capitalism: alienated, external, compulsory, strengthening economic power as it hollows out human potential.

Keywords: Work; Illness; Psychological distress; Alienation; Emptying of work.

1.0 Introdução

Atualmente, pode-se dizer que o trabalho mantém uma posição central na vida das pessoas, sendo constantemente atrelado como uma das principais fontes de realização pessoal, subsistência e integração social. Mais do que isso, o trabalho parece ser a própria atividade através da qual a humanidade se constituiu como tal (Netto; Braz, 2006). Basicamente, foi o trabalho, em meio ao longo percurso do desenvolvimento humano, que fundou o homem enquanto espécie e o diferenciou das outras formas de vida. Para os autores, “[...] mediante o trabalho, os homens produziram-se a si mesmos” (Netto; Braz, 2006, p. 37).

Essa ideia, de que o trabalho foi o elemento-chave para o salto de desenvolvimento humano, que diferenciou o homem de todas as outras espécies, fundamenta-se principalmente na obra marxista, sobre a qual este trabalho se apoiará em diversos momentos. Marx argumenta que o que destacou o homem dos outros animais foi sua capacidade de produzir seus “meios de existência” (Marx; Engels, 2001, p. 10). Estes meios, que nada mais são que as condições para a manutenção da vida humana, são adquiridos através daquilo que o autor identificou como o

primeiro fato histórico: o trabalho, por onde são produzidos os meios que permitem a satisfação das necessidades humanas.

Por necessidades compreende-se tudo aquilo que é necessário para suprir uma carência, do mais ao menos essencial, seja ela qual for. Na medida em que se satisfazem as primeiras necessidades, a ação de satisfazê-la e o meio através do qual foi satisfeita abrem margem para o surgimento de novas necessidades (Marx; Engels, 2001). A partir desse movimento, que exige uma atualização constante dos modos de trabalho, o homem transforma a natureza, a si mesmo e as suas relações, elegendo o trabalho como o elemento produtor dos indivíduos e das sociedades (Vaccaro, 2015).

Contudo, com as novas e rápidas mudanças nas relações profissionais, as tecnologias e a produtividade exacerbada, o trabalho e, conseqüentemente, o próprio trabalhar tem se tornado um desafio cada vez maior para a saúde física e mental das pessoas. Nesse sentido, Marx (2004) já apontava que, sob determinadas formas de organização capitalista, o trabalho se torna uma atividade de mortificação, de auto-sacrifício, produzindo um esvaziamento da experiência de trabalho. Esse esvaziamento é aperfeiçoado e generalizado com as mudanças acarretadas pela Revolução Industrial no processo produtivo como um todo; principalmente com a intensificação da divisão do trabalho conduzida pelo taylorismo, um método de racionalização da produção que visava aumentar o controle da gerência sobre o tempo do trabalhador fabril e seu processo produtivo (Rago; Moreira, 2003). O objetivo era dividir o processo do trabalho em sua concepção e execução, colocando a gerência a frente do processo de produção, o que por consequência separa o produtor direto do processo produtivo, expropria dele o seu saber e, aos poucos, degrada a sua relação com o trabalho (Ribeiro, 2015), constituindo a dominação burguesa sobre a classe trabalhadora e sobre toda a sociedade (Rago; Moreira, 2003).

Tais questões elencadas acima ganham destaque significativo quando se há, como no Brasil, um aumento expressivo dos afastamentos laborais causados por transtornos mentais, apontando para a necessidade urgente de debater e explorar as condições de trabalho na vida das pessoas, como também o papel que ele ocupa. Em 2023, os transtornos ansiosos foram responsáveis pelo afastamento de 80.516 trabalhadores, um aumento expressivo em comparação com os 49.481 registros de 2021. No mesmo período, o número de afastamentos por transtornos depressivos

passou de 49.582 casos para 67.966 no mesmo período (INSS, 2024a). No total, todas as condições que pertencem ao grupo dos transtornos mentais e comportamentais foram responsáveis pelo afastamento de 288.041 trabalhadores em 2023 (INSS, 2024b). Assim, compreender de que forma o trabalho contribui com o adoecimento psicológico é de fundamental significância.

Nesse sentido, considerando que vivemos em um mundo que passou por transformações radicais nas formas de organização do trabalho desde a Revolução Industrial, em especial com as mudanças acarretadas por métodos de produção que aprofundaram a divisão do trabalho, tais como o taylorismo, o fordismo e o toyotismo, e que esse mundo herdou traços de todo esse processo com os quais convivemos até hoje (Ribeiro, 2015), percebe-se que o esvaziamento do trabalho é um fenômeno que atravessa todo o processo produtivo contemporâneo. Considerando ainda o aumento do número de afastamentos laborais devido a transtornos ansiosos, depressivos e outras condições do grupo dos transtornos mentais e comportamentais, mostra-se imprescindível a necessidade de debruçar-se sobre as dinâmicas atuais de trabalho e investigar seu papel, enquanto atividade inevitavelmente presente no cotidiano, no desenvolvimento de sofrimento psíquico e adoecimento do trabalhador.

Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo analisar a relação entre trabalho, adoecimento e sofrimento psíquico, interrogando o vínculo entre o aumento de trabalhadores mentalmente adoecidos e as formas contemporâneas de organização do trabalho, a fim de verificar o peso e o papel do trabalho nesse processo. Para isso, incorpora o conceito de alienação como base para compreender as relações de trabalho atuais e ampliar o debate sobre o esvaziamento do trabalho e suas implicações na saúde. A alienação, assim, constitui o pano de fundo sobre o qual o homem, por meio do trabalho, tece de forma alienada a própria vida.

2.0 Materiais e métodos

2.1 Coleta de Dados

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão integrativa da literatura, de natureza qualitativa e exploratória, visando identificar e sintetizar as produções científicas que abordam as relações entre trabalho, adoecimento psíquico e sofrimento mental. A revisão integrativa permite reunir, analisar e sintetizar os resultados de pesquisas anteriores, proporcionando uma compreensão mais ampla

de um fenômeno específico ao incluir pesquisas experimentais e quase-experimentais em seu escopo analítico (Mendes *et al.*, 2008). Tal medida contribui com a realização de estudos futuros ao expandir o conhecimento até então estabelecido sobre o tema.

Em complemento, a pesquisa exploratória busca proporcionar maior familiaridade com o problema e aprimorar ideias ou gerar novas hipóteses a partir da identificação de lacunas no conhecimento existente (Gil, 2002). Em outras palavras, esse tipo de pesquisa proporciona uma aproximação do fenômeno em questão, visando explorá-lo e hipotetizá-lo com a finalidade de contribuir com a elaboração de novas investigações na área.

A busca foi realizada na base de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). Em um primeiro momento, considerando que a alienação constitui um eixo interpretativo central deste estudo, foi realizada busca a partir da combinação entre os seguintes descritores: “saúde mental” AND “adoecimento” AND “trabalho” AND “alienação”, que não retornou resultados. Como alternativa, outras duas opções de busca foram testadas, nas quais o descritor “alienação” substituiu, sucessivamente, “saúde mental” e “adoecimento”, formando os eixos: “trabalho” AND “alienação” AND “adoecimento” e “trabalho” AND “alienação” AND “saúde mental”. Essas alternativas retornaram, respectivamente, cinco e quatro artigos.

Devido a isso, e com o intuito de ampliar o número de artigos desta revisão, foram então empregados os descritores “saúde mental”, “adoecimento” e “trabalho”, também combinados por meio do conector booleano AND, de modo a refinar a busca para estudos que englobassem simultaneamente esses temas, mesmo que sem incluir diretamente a categoria da alienação, resultando em 106 artigos. Esses materiais foram filtrados a partir dos critérios de inclusão, que selecionou artigos originais disponíveis em acesso aberto; publicados no idioma português; entre os anos de 2015 e 2025; que discutam correlações entre trabalho e processos de adoecimento, e exclusão, que desconsiderou artigos duplicados e que não atendessem aos critérios anteriores.

Os artigos que atenderam a todos os critérios foram então submetidos a uma triagem realizada a partir da leitura de títulos e resumos, com o objetivo de verificar a aderência ao tema proposto. Os estudos que não contemplam de maneira direta a relação entre trabalho, adoecimento e sofrimento psíquico, abordando esses

elementos apenas em segundo plano, não se dedicando à investigação do adoecimento decorrente do trabalho, serão excluídos nesta fase.

2.2 Procedimentos de Análise dos Dados

A análise dos dados seguiu uma abordagem sistematizada. Inicialmente, os resultados obtidos na busca serão organizados em um sistema prisma e, posteriormente em uma tabela, contendo informações como: título do artigo, autores, ano de publicação e periódico. Na segunda etapa, os artigos selecionados foram lidos na íntegra e feita uma análise crítica quanto à: relevância do objeto de estudo; contribuições teóricas e empíricas para o campo da saúde mental e trabalho; e enfoque na questão da alienação no processo de adoecimento.

A partir dessa leitura aprofundada, os dados foram organizados em categorias temáticas emergentes, com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), caracterizada por três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação, o que permitirá uma melhor estruturação da discussão dos achados. Os artigos selecionados servirão como base para compor o corpo analítico do estudo e fundamentar reflexões críticas sobre as condições contemporâneas de trabalho e suas implicações psicossociais.

Ainda, com o intuito de sistematizar as congruências e divergências encontradas nos artigos, bem como agilizar a delimitação das categorias, foi utilizado o modelo de linguagem ChatGPT - 5.0. A ferramenta foi utilizada de modo a evidenciar elementos dos textos que apresentassem semelhanças entre si, tornando evidente os temas de maior recorrência e, conseqüentemente, as próprias categorias. Ressalta-se que todo o conteúdo foi checado e validado pelo autor com base em cada um dos artigos utilizados.

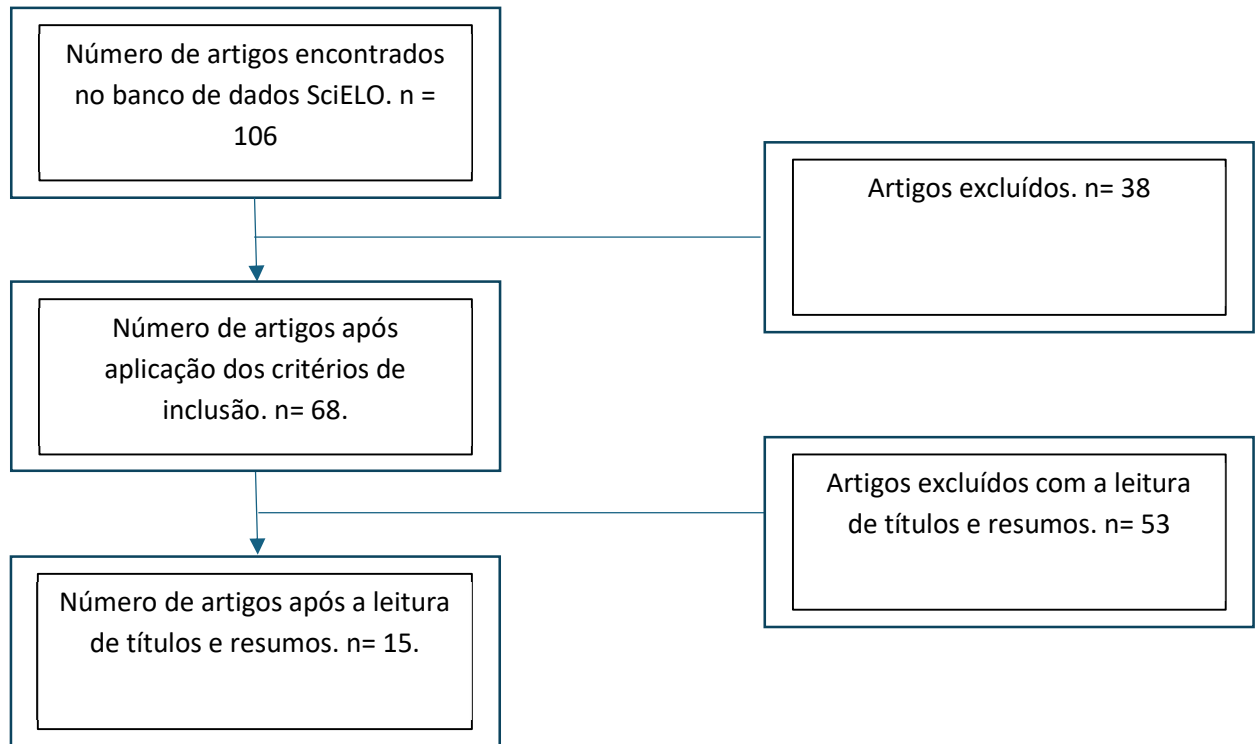
3. Resultados

Inicialmente, 106 resultados foram encontrados com a utilização dos descritores previamente estabelecidos na seção "Coleta de Dados". Após aplicação do filtro de idioma e delimitação do período de publicação para os últimos dez anos, 38 artigos foram desconsiderados por não atenderem aos requisitos da pesquisa, restando 68 publicações que contemplavam, de maneira geral, questões relacionadas ao trabalho, à saúde mental e a processos de adoecimento, mas não necessariamente relacionadas ao adoecimento laboral. Portanto, a fim de dedicar-se exclusivamente à

textos que explorem o papel do trabalho em processos de adoecimento, após a leitura de títulos e resumos, outras 53 publicações foram desconsideradas por não atenderem ao tema investigado, restando 15 que serão integralmente analisadas e incorporadas a esta revisão.

O processo acima descrito pode ser compreendido conforme o fluxograma abaixo:

Figura 1: Fluxograma do processo de seleção dos artigos.



Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Após essa primeira etapa, os textos aprovados para revisão foram organizados em uma tabela e, posteriormente, submetidos a leitura analítica, que buscou identificar convergências, divergências e lacunas relacionadas ao tema, para então elaboração das categorias temáticas e exposição dos resultados encontrados.

Tabela 1: Índice de artigos selecionados para revisão.

Autor	Título	Ano	Periódico
Souza; Rodrigues; Santos.	Trabalho e saúde de entregadores de aplicativo em uma cidade do Nordeste brasileiro.	2024	Physis: Revista de Saúde Coletiva
Maia; Moraes.	Engajamento com o trabalho e exaustão emocional de profissionais da socioeducação.	2023	Psicologia: Ciência e Profissão
Dias; Siqueira; Ferreira.	Análise socioclínica do contexto do trabalho e sua relação com o adoecimento mental de policiais militares do Distrito Federal.	2023	Cadernos EBAPE.BR

Silva, <i>et al.</i>	Saúde mental, adoecimento e trabalho docente.	2023	Psicologia Escolar e Educacional
Moronte; Albuquerque.	Organização do trabalho e adoecimento dos bancários: uma revisão de literatura.	2021	Saúde Debate
Miranda, <i>et al.</i>	Cartografia das condições de trabalho de homens quilombolas e as intersecções para a informalidade e a saúde mental.	2021	Interface - Comunicação, Saúde e Educação
Silva, <i>et al.</i>	Condições de trabalho no cultivo da cana-de-açúcar no Brasil e repercussões sobre a saúde dos canavieiros.	2021	Revista Brasileira de Saúde Ocupacional
Mello, <i>et al.</i>	Adoecimento dos trabalhadores da Estratégia Saúde da Família em município da região Centro-Oeste do Brasil.	2020	Trabalho, Educação e Saúde
Ribeiro, <i>et al.</i>	Transtornos de ansiedade como causa de afastamentos laborais.	2019	Rev. Bras. Saúde Ocup.
Viapiana; Gomes; Albuquerque.	Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença.	2018	Saúde Debate.
Oliveira; Araújo.	Situações de desequilíbrio entre esforço-recompensa e transtornos mentais comuns em trabalhadores da Atenção Básica de Saúde.	2018	Trab. Educ. Saúde.
Sousa, <i>et al.</i>	Riscos de adoecimento no trabalho da equipe de enfermagem em um hospital psiquiátrico	2018	Rev. Latino-Am. Enfermagem
Sousa, <i>et al.</i>	Risco de adoecimento e custo humano no trabalho em um hospital psiquiátrico	2018	Escola Anna Nery
Carvalho; Araújo; Bernardes;	Transtornos mentais comuns em trabalhadores da Atenção Básica à Saúde.	2016	Rev. Bras. Saúde. Ocup.
Silva-Junior; Fischer.	Afastamento do trabalho por transtornos mentais e estressores psicossociais ocupacionais	2015	Rev. Bras. Epidemiol.

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

A análise dos materiais levou ao elencamento de três categorias temáticas: (1) Organização e precarização do trabalho como aspectos centrais do adoecimento; (2) Sentido do trabalho, identidade e reconhecimento profissional; (3) Condições materiais, riscos e segurança no trabalho. Cada categoria apresenta uma síntese dos resultados encontrados nos artigos selecionados evidenciando os elementos mais recorrentes e significativos na constituição do adoecimento e serão apresentadas a seguir.

3.1 Organização e precarização do trabalho como aspectos centrais do adoecimento

A organização e a precarização do trabalho, entendidas respectivamente como forma de estruturar e gerir o processo produtivo e como conjunto de processos que fragilizam vínculos e condições de existência, configuram determinantes centrais do sofrimento e adoecimento dos trabalhadores em diferentes contextos (Viapiana; Gomes; Albuquerque, 2018). Em entregadores de aplicativo, por exemplo, a ausência

de proteção social, a oscilação de renda e o controle algorítmico resultam em jornadas extensas e inseguras, problemas físicos crônicos, sofrimento psicológico por estresse, pressão por produtividade, instabilidade, preconceito e desvalorização (Souza; Rodrigues; Santos, 2024). No setor bancário, a combinação de altas cargas de trabalho, metas rígidas, sobrecarga, terceirizações, contratos temporários, redução salarial, instabilidade e chefias autoritárias, associada a reestruturações voltadas ao lucro, tem degradado as condições de vida e saúde, com elevada prevalência de ansiedade, depressão, burnout, transtorno de estresse pós-traumático, agravos musculoesqueléticos e doenças crônico-degenerativas (Moronte; Albuquerque, 2021).

Nos serviços públicos e sociais, a precarização aparece de modo semelhante. Entre docentes, a intensificação das jornadas, muitas vezes duplas ou triplas, que extrapolam o tempo e espaço escolar, somada ao ritmo intenso, à escassez de pausas, recursos e apoio institucional e à baixa autonomia, produz quadros de estresse, esgotamento emocional, insatisfação e insegurança profissional, com repercussões na saúde física e psíquica (Silva et al., 2023). Em unidades de socioeducação, a alta demanda de tarefas (acolhimento, relatórios, atendimento a familiares), a equipe incompleta e a distância em relação às recomendações normativas geram sobrecarga, elevado custo emocional e fisiológico, num cenário de baixa remuneração, ausência de direitos e fragilidade dos vínculos empregatícios (Maia; Moraes, 2023). No setor de segurança pública, policiais militares do Distrito Federal apontam a própria organização do trabalho — marcada por intensa pressão, controle rígido, cobranças excessivas e relações hierárquicas desumanas — como principal fonte de adoecimento mental, superando inclusive a exposição à violência e criminalidade (Dias; Siqueira; Ferreira, 2023).

Na saúde, tanto na atenção básica quanto no contexto hospitalar, a forma de organizar o trabalho também se vincula de maneira direta ao adoecimento. Em equipes da atenção básica, maior prevalência de transtornos mentais comuns é observada entre trabalhadores insatisfeitos, submetidos à pressão do tempo, alta demanda psicológica e baixo controle sobre as atividades (Carvalho; Araújo; Bernardes, 2016); tarefas repetitivas, ritmo excessivo e forte cobrança por resultados são classificados como risco grave para o adoecimento (Mello et al., 2020); e vínculos terceirizados precários, jornadas superiores a 60 horas semanais (chegando a 84 horas), alto esforço e baixa recompensa associam-se aos maiores índices de TMC

(Oliveira; Araújo, 2018). No trabalho hospitalar psiquiátrico de enfermeiros, as principais fontes de risco são a repetitividade, a fiscalização do desempenho, a insuficiência de pessoal, a separação entre planejamento e execução, a pressão por prazos e expectativas irreais, o que gera elevado custo cognitivo considerado mais determinante para o adoecimento do que os custos afetivo e físico, sendo apenas as relações socioprofissionais avaliadas como satisfatórias (Sousa et al., 2018a; 2018b).

No trabalho informal e rural, arranjos organizacionais e formas de precarização ampliam a vulnerabilidade dos trabalhadores. No setor canavieiro, a pressão por produtividade a baixo custo, o descumprimento de normas trabalhistas, previdenciárias, ambientais e de saúde e outras vulnerabilidades configuram superexploração análoga à escravidão, com jornadas de até 14 horas sem intervalo, que não apenas adoecem, mas frequentemente levam à morte (Silva et al., 2021). Entre homens quilombolas do norte de Minas Gerais, o trabalho predominantemente rural e informal é descrito como fisicamente extenuante, marcado por ritmo intenso, sobrecarga, monotonia, tensão e baixa remuneração (Miranda et al., 2021).

Revisões de literatura reforçam o papel das condições de trabalho como fator de risco para o sofrimento psíquico e a incapacidade laboral. Ribeiro et al. (2019) indicam que ambientes com altas exigências, excesso de trabalho, demandas psicológicas e emocionais, baixo apoio social e insegurança no emprego favorecem o surgimento e o agravamento de transtornos de ansiedade e afastamentos. Igualmente, Silva-Junior e Fischer (2015) mostram que, entre trabalhadores afastados por transtornos mentais, predominam contextos de alta demanda e baixo controle, desequilíbrio esforço–recompensa e baixo apoio social. Em conjunto, essas evidências indicam que a organização e a precarização do trabalho são eixos centrais do modo de produção contemporâneo, definindo as condições de vida e saúde dos trabalhadores (Viapiana; Gomes; Albuquerque, 2018).

3.2 Sentido, identidade e reconhecimento no trabalho

A literatura analisada evidenciou uma dimensão subjetiva do trabalho, relacionada ao sentido atribuído às atividades desempenhadas e a identidade pessoal. Afinal, o trabalho ocupa uma posição de centralidade na vida humana que extrapola sua dimensão econômica, sendo uma fonte de identificação e autoestima constituidora de sujeitos (Viapiana; Gomes; Albuquerque, 2018). Os estudos indicam que, quando essas dimensões são preservadas, atuam como uma espécie proteção

psíquica, promovendo, até certo ponto, sentimentos de realização e prazer. Porém, quando cindidas, podem também se tornar agravantes para o sofrimento emocional e risco de adoecimento.

Em vários contextos profissionais aparecem elementos de realização que sustentam o trabalhador mesmo em cenários adversos. Entre profissionais da Estratégia Saúde da Família (ESF), apesar das vivências de injustiça e indignação com a organização e salários incompatíveis com o esforço demandado pelo trabalho, aspectos relacionados à identidade, orgulho pelo que faz e sensação de solidariedade aparecem como elementos satisfatórios e protetores (Mello *et al.*, 2020). De forma semelhante, trabalhadores da socioeducação relatam permanecer no serviço, mesmo diante de risco, baixa remuneração e insegurança institucional, porque acreditam no valor social do que fazem, sentem orgulho e satisfação quando percebem os efeitos do seu trabalho na vida dos adolescentes e na sociedade (Maia; Morais, 2023). Professores também relatam altos níveis de motivação, orgulho e compromisso com a docência, compreendendo o ensino como uma prática que transforma e dá sentido a própria vida, proporcionando prazer, realização e gratificação, mas competindo com outros fatores amplamente desfavoráveis para a sua experiência no trabalho (Silva *et al.*, 2023).

Em grupos historicamente marginalizados, o elo entre identidade e trabalho também aparece relacionado a experiências positivas. Entre homens quilombolas, o trabalho é uma dimensão central de significado e pertencimento. Em seus relatos, ele aparece não apenas como forma de sustento, mas como um espaço de utilidade, reconhecimento e convivência, onde o ato de trabalhar está associado à ocupação da mente e do tempo, funcionando como uma estratégia para "esquecer dos problemas". Ao mesmo tempo, o racismo, a informalidade extrema e a desigualdade abissal que acompanha essa população ameaçam essas vivências positivas relacionadas ao trabalho, convertendo-as em sofrimento psíquico (Miranda *et al.*, 2021).

No caso dos policiais militares, a questão da identidade cumpre um papel fundamental na manutenção do sofrimento psíquico. Relatos mostram que a identidade do policial é pressionada a seguir um ideal de super-herói, em que o sujeito é cobrado por toda a sociedade a agir como tal e em favor da ordem social. De tal modo, a pressão sobre a categoria passa a compor também o psiquismo desses trabalhadores, criando um sistema de controle marcado pela autocobrança. Ao

mesmo tempo, depois de construída e estabelecida essa identidade rígida, quando essa expectativa é frustrada, favorece a manifestação de sofrimento psicológico e transtornos mentais (Dias; Siqueira; Ferreira, 2022).

3.3 Condições materiais, riscos e segurança no trabalho

Condições concretas de trabalho, tais como infraestrutura, ambiente físico e exposição a contextos insalubres e perigosos atravessam a produção de agravos na saúde. No cultivo de cana-de-açúcar, essas condições englobam os instrumentos de trabalho, deficiência na distribuição de EPIs, ambiente de calor extremo, exposição a agentes nocivos e animais peçonhentos e a precariedade da infraestrutura de habitação e saneamento, incluindo o armazenamento inadequado de alimentos. Trata-se de um contexto amplamente desfavorável para a saúde dos canavieiros, que promove o surgimento de afecções musculoesqueléticas, doenças infecciosas, hipertermia, sofrimento psíquico, síndrome de *burnout* e, em alguns casos, morte por exaustão (Silva *et al.*, 2021). Em territórios rurais quilombolas não é diferente, com ambientes sem o mínimo conforto, calor extremo e exposição a agentes como fumaça e insumos agrícolas tóxicos (Miranda *et al.*, 2021).

Nos serviços de saúde, sobretudo na psiquiatria, Sousa *et al* (2018a) aponta risco à saúde e segurança dos profissionais de enfermagem relativos a um conjunto de inadequações materiais, tais como mobiliário e postos inadequados, barulho excessivo, equipamentos precários e escassos, ambiente físico desconfortável, espaço e material de consumo insuficientes para o trabalho e, principalmente condições que oferecem riscos à segurança dos trabalhadores. Segundo os autores, esses profissionais estão inseridos em um ambiente potencialmente violento, expostos à imprevisibilidade de agressões físicas ou verbais. Na atenção básica ocorre de maneira semelhante, com relatos sobre insumos insuficientes, ambiente físico desconfortável e uma relação desequilibrada entre as exigências do trabalho e os recursos disponíveis (Oliveira; Araújo, 2018; Mello *et al.*, 2020).

Em uma unidade socioeducativa, Maia e Morais (2023) detalham instalações inadequadas e insalubres, superlotação, falta de higiene, exposição a agentes biológicos e um ambiente potencialmente violento: “todo dia socioeducador sai com olho machucado, sai sujo de fezes, de xixi [...]” (p. 11). Essas condições favorecem doenças respiratórias, micoses, conjuntivite e insegurança no exercício da atividade.

Com relação a segurança desses trabalhadores, esta depende diretamente da qualidade da rotina e do tratamento oferecido aos membros da instituição.

Entre atividades urbanas de serviço, despontam dois focos. No caso dos bancários, a deficiência ergonômica do posto de trabalho está intimamente ligada ao surgimento de doenças musculoesqueléticas, além do iminente risco de violência associado ao setor (Moronte; Albuquerque, 2021). Em entregadores de aplicativo, estes profissionais também estão expostos a diversas formas de violência urbana, que envolvem desde acidentes de trânsito até a discriminação social e o preconceito vivenciado pela categoria, evidenciando uma segurança comprometida no trabalho. Os relatos dos entregadores também revelam problemas associados a postura adotada para conduzir a moto (Souza; Rodrigues; Santos, 2024).

4.0 Discussão

Inicialmente, este trabalho apresentou brevemente a diferença entre a atividade humana e a atividade animal, que reside na possibilidade da primeira efetivar a produção dos meios necessários para a satisfação das diversas e inacabáveis necessidades humanas. Mas há ainda um outro fator, este ainda mais específico, e de fundamental compreensão para o que será elaborado nesta discussão, que distingue o trabalho humano da atividade animal. Para Marx, este fator está relacionado à capacidade humana de se relacionar com o efeito final do seu trabalho, de antecipá-lo em suas representações mentais, chamada capacidade teleológica (Oliveira, 2010). Afinal, toda criação humana é precedida pela intenção de fazê-la, pela ideia do criador, que surge em meio a sua relação com o mundo circundante. Nas palavras de Marx (2013, p. 327):

“[...] o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente”.

Essa exclusividade diferencia as espécies de uma vez por todas. Enquanto o animal produz somente motivado por suas carências físicas imediatas, o homem produz mesmo livre delas (Marx, 2004). E por mais complexas e intrigantes possam ser as operações animais, elas não pressupõem um momento subjetivo, que segundo Marx é exatamente o que caracteriza o trabalho como tal (Chagas, 2013). Assim, quando imprime no mundo o produto do seu trabalho, o homem imprime junto sua

subjetividade, revelando a dimensão criativa do trabalho, sendo que sem esta sua atividade se equipararia à dos animais. Para Marx (2004, p. 84), “a atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico”.

No entanto, se o trabalho é categoria fundamental da existência humana e meio de produção da vida material, sob o modo de produção contemporâneo essa dimensão é empobrecida (Navarro; Padilha, 2007; Chagas, 2013). Trata-se de um sistema que fixa o indivíduo em uma esfera de atividade rígida, imposta e da qual ele não pode escapar sem perder seus meios de sobrevivência (Marx; Engels, 2001). Desse modo, o trabalhador é progressivamente subtraído do próprio trabalho, passando a exercer cada vez menos de si na atividade que realiza.

Esse processo, no qual o objeto do trabalho e o próprio processo produtivo se afastam de seu produtor direto, é denominado por Marx (2004) de alienação. O objeto resultante do trabalho é a sua objetivação, isto é, a materialização do trabalho humano em coisa. Quando esse objeto é arrancado do trabalhador e apropriado por outrem, o que se retira não é apenas o produto, mas a própria “vida genérica” do sujeito, sua forma de se realizar na natureza. Em vez de se reconhecer no produto, o trabalhador passa a percebê-lo como algo estranho, o que faz com que se sinta “em casa” apenas fora do trabalho e, no trabalho, fora de si (Marx, 2004). O trabalho deixa, assim, de ser satisfação de uma necessidade para se tornar apenas meio de garantir a sobrevivência.

Em última instância, Marx evidencia que, nessas condições, o trabalho já não cumpre sua função histórica de responder às necessidades que impulsionaram a trajetória humana, nem representa o trabalhador. O processo produtivo é regulado pelos interesses de quem detém o poder econômico, orientados à máxima obtenção de lucro e não à prosperidade geral da sociedade (Marx, 2004). Como o produto do trabalho não pertence a quem o produz, mas a uma minoria que controla os meios de produção e os utiliza em benefício próprio, o salário torna-se apenas suficiente para manter a família e reproduzir a classe trabalhadora, mantendo o indivíduo dependente da venda de sua força de trabalho e reduzindo-o à condição de mercadoria. Nessa estrutura, que converte a atividade humana em trabalho obrigatório e condição de sobrevivência, o trabalho passa a servir prioritariamente aos interesses do capital (Marx, 2004).

Marx (2004) explica esse esvaziamento do trabalho pelo estado de alienação, que se manifesta em quatro dimensões interligadas: (1) alienação do produto, quando o resultado do trabalho não pertence ao trabalhador; (2) alienação do processo, quando ritmo, método e critérios são definidos externamente; (3) alienação do ser-genérico, quando a finalidade humana do trabalho é empobrecida e reduzida a mera subsistência individual; e (4) alienação dos outros, que atravessa as relações entre sujeitos igualmente alienados. Esse referencial permite compreender a recorrência dos processos de adoecimento identificados na primeira categoria desta pesquisa, que reuniu achados sobre organização e precarização do trabalho como aspectos centrais do adoecimento.

Nessa categoria, vários elementos podem ser interpretados à luz da alienação do processo e do produto e em várias dimensões: a gestão algorítmica que define corridas, remuneração e avaliação dos entregadores de aplicativo (Souza; Rodrigues; Santos, 2024); as metas agressivas e a vigilância constante no trabalho bancário (Moronte; Albuquerque, 2021); a fiscalização permanente do desempenho em hospitais psiquiátricos (Sousa *et al.*, 2018a); a sobrecarga nas unidades socioeducativas (Maia; Morais, 2023); a pressão por produtividade e jornadas abusivas no setor canavieiro (Silva *et al.*, 2021); o desequilíbrio esforço–recompensa na saúde básica (Oliveira; Araújo, 2018); o ritmo intenso e os baixos salários entre trabalhadores quilombolas (Miranda *et al.*, 2021); e o tempo dos docentes colonizado por demandas que se estendem para além da escola (Silva *et al.*, 2023). Isso mostra que o trabalhador já não organiza o próprio trabalho, mas é organizado por ele. Também emergem formas de alienação do homem sobre o homem, visíveis em relações hierárquicas autoritárias, pressão excessiva por metas, risco constante de desemprego e violência institucional, produzindo uma atmosfera de medo, competição e desconfiança entre os sujeitos.

A segunda categoria, que abordou os aspectos relativos ao sentido atribuído à atividade, à identidade no trabalho e às experiências profissionais, dialoga diretamente com a concepção do trabalho como atividade constitutiva humana apresentada anteriormente. Marx (2004) sustenta que, em sua forma não alienada, o trabalho é a vida produtiva através da qual o homem se objetiva no mundo, expressando-se e reconhecendo a si mesmo naquilo que faz.

Os resultados mostram que, como no caso dos profissionais da ESF, da socioeducação, da docência e entre homens quilombolas, essa dimensão do trabalho é muitas vezes a única fonte de vivências positivas no trabalho. Esses trabalhadores descrevem orgulho e sensação de solidariedade pelo que fazem (Mello *et al.*, 2020), reconhecem seu valor e sentem-se satisfeitos ao perceber os efeitos do seu trabalho (Maia; Moraes, 2023), relatam altos níveis de motivação e compromisso, compreendem o trabalho como uma prática transformadora, que proporciona sentido, prazer, realização e gratificação (Silva *et al.*, 2023), elegendo o trabalho como um elemento central de significado, pertencimento, reconhecimento e convivência (Miranda *et al.*, 2021).

Aqui, o que está em jogo é a possibilidade do sujeito se reconhecer com o produto do seu trabalho e na contribuição que ele oferece à coletividade, o que remete à dimensão do ser-genérico, do gênero humano, isto é, a capacidade humana de produzir de forma consciente e social. No entanto, essa dimensão é forçada a conviver constantemente com elementos do trabalho que colocam os trabalhadores diante uma experiência extremamente negativa, pois os mesmos estudos também evidenciam uma série de fatores que tornam nociva a experiência no trabalho.

Na terceira categoria, as condições materiais de trabalho, os contextos de insalubridade e periculosidade e a exposição cotidiana a riscos físicos, químicos, biológicos e à violência revelam a forma como o corpo e a saúde do trabalhador são incorporados à lógica do lucro e da acumulação. Marx (2013), ao discutir a jornada de trabalho, descreve que o capital não tem qualquer consideração pela saúde do trabalhador, a menos que seja obrigado pela sociedade a tê-la.

Ele o compara a um vampiro, que “[...] vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga” (p. 392). Nessa direção, quanto mais o capital prolonga a jornada, intensifica o ritmo ou, neste caso, economiza em condições de segurança e proteção, mais extrai valor às custas da saúde de seus trabalhadores. Os resultados desta categoria mostram precisamente isso, que diversos trabalhos são compostos por circunstâncias, tais como a insuficiência na distribuição de EPIs em ambientes de calor extremo e frequente exposição a agentes tóxicos (Silva *et al.*, 2021; Miranda *et al.*, 2021); mobiliário, postos e equipamentos precários, inadequados e insuficientes (Sousa *et al.*, 2018a); instalações insalubres, superlotação, falta de higiene e exposição a agentes biológicos (Maia; Moraes, 2023)

e deficiência ergonômica (Moronte; Albuquerque, 2021; Souza; Rodrigues; Santos, 2024), que expõem sistematicamente os trabalhadores a problemas de saúde plenamente evitáveis em nome do capital.

É também fundamental destacar, que apesar da proximidade entre as circunstâncias vivenciadas no trabalho em diferentes setores profissionais e a alienação, nenhum dos artigos que compuseram esta pesquisa consideraram a categoria marxista em suas análises. Excepcionalmente, o termo “alienação” aparece apenas em Silva *et al.* (2021) e Silva *et al.* (2023), mas somente com o objetivo de enfatizar a perda de controle da produção no setor canavieiro e alertar sobre as novas formas de alienação nas relações do trabalho, respectivamente. No banco de dados SciELO, conforme descrito na seção de materiais e métodos, buscas que incluem diretamente a categoria da alienação reduzem drasticamente o número de estudos sobre trabalho e adoecimento. Esse cenário sugere, portanto, uma lacuna que indica a necessidade de ampliar a compreensão acerca da relação entre trabalho, alienação e o adoecimento da população.

5.0 Considerações finais

Ao articular os resultados ao conceito de alienação em Marx, este trabalho compreende o sofrimento psíquico e o adoecimento dos trabalhadores como fenômenos historicamente determinados, vinculados à forma como o trabalho é organizado no capitalismo. Os diferentes quadros de adoecimento físico e mental observados nas categorias profissionais analisadas expressam as contradições de um modo de produção que submete a vida e a subjetividade dos trabalhadores à lógica da acumulação que não lhes pertencem, mas que lhes é imposta.

A análise também mostrou que, embora os achados se aproximem fortemente da categoria de alienação, ela quase não é mobilizada de forma explícita e sistemática nas pesquisas sobre adoecimento laboral no recorte da SciELO, prevalecendo descrições de sintomas, fatores de risco e correlações, o que sugere um empobrecimento crítico nas análises que relacionam trabalho e saúde. Esse cenário reforça a necessidade de que a pesquisa em saúde do trabalhador incorpore referenciais críticos que considerem a centralidade do trabalho na produção da vida material e da subjetividade, condição para formular alternativas que recoloquem o trabalhador em relação mais autônoma com o próprio trabalho. Isso não significa, é claro, ignorar a materialidade para transformar a relação entre homem e trabalho com

base nas proposições marxistas ou quaisquer outras, mas a partir daquilo que está posto proporcionar condições capazes de tornar mais satisfatória e menos custosa a vida dos trabalhadores.

6.0 Referências

CARVALHO, D.B; ARAÚJO, T.M; BERNARDES, K.O. Transtornos mentais comuns em trabalhadores da Atenção Básica à Saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 41, n. 00, p. e17, 2016. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rbso/a/5xtwTHrPRxzysVTsfsCQ3Tp/?lang=pt>> Acesso em: 23 ago. 2025.

CHAGAS, E.F. O pensamento de Marx sobre a subjetividade. **Trans/Form/Ação**, v. 36, p. 63-84, 2013. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/trans/a/qhWBvjmf5DjWmyMZvc3pzGN/?lang=pt&format=html>> Acesso em: 28 mar. 2025.

DIAS, C.A; SIQUEIRA, M.V.S; FERREIRA, L.B. Análise socioclínica do contexto do trabalho e sua relação com o adoecimento mental de policiais militares do Distrito Federal. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 21, n. 1, p. e2022-0095, 2023. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/cebape/a/MLhNhXcDC5YV3ZSrq5HrcMn/?lang=pt>> Acesso em: 13 ago. 2025.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002. 176 p. Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf> Acesso em: 01 jun. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL-INSS. **Transtornos mentais podem garantir estabilidade de 12 meses no emprego após alta médica**. 2024.

Disponível em: < <https://www.gov.br/inss/pt-br/noticias/transtornos-mentais-podem-garantir-estabilidade-de-12-meses-no-emprego-apos-alta-medica-2> > Acesso em: 05 abr. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL-INSS. **Rol de doenças para requerer benefício por incapacidade não foi alterado**. 2024. Disponível em: <

<https://www.gov.br/inss/pt-br/noticias/rol-de-doencas-nao-foi-alterado> > Acesso em: 05 abr. 2025.

MAIA, I.M; MORAIS, N.A de. Engajamento com o trabalho e exaustão emocional de profissionais da socioeducação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p.

e247960, 2023. Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/mjbqdp6vj9LzYCDVQVyLtnH/>> Acesso em: 13 ago. 2025

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2004. 175 p. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2011/08/manuscritos-econco3b4mico-filosco3b3ficos.pdf>> Acesso em:

22 mar. 2025.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013. 1493 p. Disponível em: <<https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/o-capital-livro-1.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2025.

MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 119 p. Disponível em: <<https://gpect.files.wordpress.com/2013/11/ideologia-alema.pdf>> Acesso em: 21 mar. 2025.

MELLO, I.A.P *et al.* Adoecimento dos trabalhadores da Estratégia Saúde da Família em município da região Centro-Oeste do Brasil. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, n. 2, p. e0024390, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/G4HRbZSdFM8sXQDTLbtvXWz/?lang=pt>> Acesso em: 15 ago. 2025.

MENDES, K.S; SILVEIRA, R.C.C.P; GALVÃO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ>> Acesso em: 01 jun. 2025

MIRANDA, S.V.C *et al.* Cartografia das condições de trabalho de homens quilombolas e as intersecções para a informalidade e a saúde mental. **Interface- Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, p. e200478, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/icse/2021.v25/e200478/>> Acesso em: 15 ago. 2025

MORONTE, E.A; ALBUQUERQUE, G.S.C. Organização do trabalho e adoecimento dos bancários: uma revisão de literatura. **Saúde em Debate**, v. 45, n. 128, p. 216-233, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gXDj3BGrZPbMsB45QHQBz/?lang=pt>> Acesso em: 15 ago. 2025.

NAVARRO, V.L; PADILHA, V. Dilemas do trabalho no capitalismo contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 14-20, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ts/a/D3YFpmVxjd8TyPbHy6Rt5XG/?lang=pt>> Acesso em: 28 mar. 2025.

NETTO, J.P; BRAZ, M. **Economia Política: uma introdução crítica**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 258 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/584288393/NETTO-Jose-Paulo-BRAZ-Marcelo-Economia-Politica-Uma-Introducao-Critica>> Acesso em: 20 fev. 2025.

OLIVEIRA, A.M.N; ARAÚJO, T.M. Situações de desequilíbrio entre esforço-recompensa e transtornos mentais comuns em trabalhadores da atenção básica de saúde. **Trabalho, educação e saúde**, v. 16, n. 1, p. 243-262, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tes/a/yWmKZ8vbFnTFySk9L9wpyYp/?lang=pt>> Acesso em: 18 ago. 2025.

OLIVEIRA, R.A. A concepção de trabalho na filosofia do jovem Marx e suas implicações antropológicas. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 2, n. 03, p. 72–88-72–88, 2010. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4337>> Acesso em: 22 mar. 2025.

RAGO, L.M; MOREIRA, E.F.P. **O Que é Taylorismo**. 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. 56 p.

RIBEIRO, A.F. Taylorismo, fordismo e toyotismo. **Lutas sociais**, v. 19, n. 35, p. 65-79, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ls/article/view/26678>> Acesso em: 23 mar. 2025.

RIBEIRO, H.K.P *et al.* Transtornos de ansiedade como causa de afastamentos laborais. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 44, p. e1, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbso/a/WfpQJQM7TSqLb7PWxW9Frwg/?lang=pt>> Acesso em: 16 ago. 2025.

SILVA, C.P *et al.* Condições de trabalho no cultivo da cana-de-açúcar no Brasil e repercussões sobre a saúde dos canavieiros. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 46, p. e22, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbso/a/qxZQzVNs6P8GzZYrthN5VCH/?lang=pt>> Acesso em: 15 ago. 2025.

SILVA, J.C *et al.* Saúde mental, adoecimento e trabalho docente. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e242262, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pee/a/pnKjTfs7s9VrzJGMhTsMPSG/?lang=pt>> Acesso em: 13 ago. 2025.

SILVA-JUNIOR, J.S; FISCHER, F.M. Afastamento do trabalho por transtornos mentais e estressores psicossociais ocupacionais. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, p. 735-744, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rbepid/2015.v18n4/735-744>> Acesso em: 23 ago. 2025.

SOUSA, K.H.J.F *et al.* Risk of illness and human cost at work in a psychiatric hospital. **Escola Anna Nery**, v. 22, p. e20170288, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/c8SZ5q6V4794jpCyzdQXSHc/>> Acesso em: 22 ago. 2025.

SOUSA, K.H.J.F *et al.* Risks of illness in the work of the nursing team in a psychiatric hospital. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 26, p. e3032, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/MzwVbNhHrJMvwwnHxSQJP7f/?la>> Acesso em: 22 ago. 2025.

SOUZA, D.O RODRIGUES, W.T.B; SANTOS, E.P.A. Trabalho e saúde de entregadores de aplicativo em uma cidade do Nordeste brasileiro. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, p. e34076, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/physis/2024.v34/e34076/>> Acesso em: 13 ago. 2025

VACCARO, S.B. Karl Marx e Hannah Arendt: uma confrontação sobre a noção de trabalho. **Sociologias**, v. 17, n. 40, p. 358-378, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/mxKvD4mHKJjrGnZ7ZHbdXfP/>> Acesso em: 22 mar. 2025.

VIAPIANA, V.N; GOMES, R.M; ALBUQUERQUE, G.S.C. Adoecimento psíquico na sociedade contemporânea: notas conceituais da teoria da determinação social do processo saúde-doença. **Saúde em debate**, v. 42, p. 175-186, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/sdeb/2018.v42nspe4/175-186>> Acesso em: 18 ago. 2025.